

idealismo e materialismo

Fala-se hoje muito em idealismo e em materialismo. Estas duas filosofias defrontam-se e são a justificação de atitudes vitais em múltiplos domínios: em ciência, em história, em política, em arte, em sociologia, etc. Ao apresentarmos hoje nesta secção um texto clássico de Karl Friedrich, o grande pensador do século passado, julgamos de algum modo contribuir para a elucidação do debate idealismo-materialismo, que está na base da vida moderna. Porque há o maior interesse em esclarecer posições filosóficas, permitimo-nos sugerir aos leitores a cuidadosa meditação do presente texto, que supomos os levará a compreender melhor certos problemas e lhes dissipará talvez certas obscuridades.

As pressuposições por que nós começamos não são pressuposições arbitrárias, não são dogmas, são pressuposições reais de que só se pode abstrair na imaginação: são indivíduos reais, a sua acção e as suas condições de existência materiais, quer existentes já, quer produzidas pela sua própria acção. Estas proposições podem, pois, ser verificadas por via puramente empírica.

A primeira pressuposição de toda a história dos homens é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro facto a estabelecer é, pois, a organização corpórea destes indivíduos e a relação que se estabelece entre ela e o resto da natureza.

É evidente que nós não podemos entrar aqui na constituição física dos próprios homens, nem nas condições naturais que os homens encontraram, condições geológicas, oro-hidrográficas, climáticas, e outras. Toda a historiografia deve partir destas bases naturais e da modificação que a acção dos homens lhes imprime no decurso da história.

Podem diferenciar-se os homens dos animais pela consciência, pela religião, pelo que se quiser. Eles começam a diferenciar-se dos animais quando começam a produzir os seus meios de subsistência,

operação que é condicionada pela sua organização corpórea. Ao produzirem os seus meios de subsistência, os homens produzem directamente a sua própria vida material.

A maneira como os homens produzem os seus meios de subsistência depende em primeiro lugar da natureza dos meios de subsistência que eles encontram ao seu dispor e que têm de reproduzir.

Este modo de produção não deve ser considerado simplesmente como a reprodução da existência física dos indivíduos. É antes já uma espécie determinada da actividade destes indivíduos, uma maneira determinada de manifestarem a sua vida, uma determinada maneira de viver destes indivíduos. Os indivíduos são tais como se manifestam na sua vida. O que eles são coincide com a sua produção, tanto por aquilo que eles produzem como pela maneira como eles produzem. O que os indivíduos são, por consequência, depende das condições materiais da sua produção. Esta produção só tem lugar com o aumento da população. Ela pressupõe por sua vez um comércio dos indivíduos entre si. A forma deste comércio por sua vez é condicionada pela produção.

O facto é, pois, este: indivíduos determinados, que são produtivamente activos de uma maneira determinada, contribuem para estas relações sociais e políticas determinadas. A observação empírica deve, em cada caso particular, empiricamente e sem nenhuma mistificação ou especulação, mostrar a conexão da estrutura social e política com a produção. A estrutura social e o Estado emergem continuamente do processo vital de indivíduos determinados, mas destes indivíduos não tais como podem aparecer na sua própria representação ou na de outrem, mas tais como são realmente, isto é: tais como agem, produzem materialmente, por consequência, tais como são activos em limites, pressuposições e condições sociais determinadas independentes do seu livre arbitrio.

A produção das ideias, das representações, da consciência está, em primeiro lugar, imediatamente implicada na actividade material e no co-

mércio material dos homens e é a lingua da vida real. O acto de ter uma representação, de pensar, o comércio espiritual dos homens aparecem ainda aqui como a emanção directa da sua atitude material. É a mesma coisa para a produção espiritual tal como é representada na lingua da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo.

Os homens são os produtores das suas representações, das suas ideias, etc., mas os homens reais, actuantes, tais como são condicionados por um desenvolvimento determinado das suas forças produtivas e do comércio. A consciência não pode ser outra coisa senão o ser consciente e o ser dos homens é o seu verdadeiro processo vital. Se os homens e as suas condições aparecem em toda a ideologia invertidos como numa câmara escura, este fenómeno decorre do seu processo vital histórico exactamente como a inversão dos objectos na retina decorre do seu processo directamente físico.

Em aberta oposição com a filosofia alemã (e, em geral, com todo o idealismo filosófico) que desce do céu à terra, nós subimos aqui da terra ao céu. Por outras palavras, não partimos aqui do que os homens dizem, se imaginam, se representam, nem dos homens ditos, pensados, imaginados, representados, para assim chegarmos aos homens reais; partimos dos homens realmente activos e é pelo seu processo vital real que representamos igualmente o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos ideológicos deste processo vital. As formações vagas do cérebro dos homens são necessariamente suplementos do seu processo vital material, empiricamente verificável e ligado a pressuposições materiais. A moral, a religião, a metafísica e o resto da ideologia bem como as formas correspondentes da consciência não conservam, pois, por mais tempo a aparência de independentes. Elas não têm história, elas não têm desenvolvimento, mas os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu comércio material modificam, ao mesmo tempo que esta realidade que é a sua, igualmente a sua maneira de pensar e os produtos da sua maneira de

pensar. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência.

Na primeira maneira de considerar as coisas, parte-se da consciência como indivíduo vivo, na segunda, que corresponde à vida real, parte-se de indivíduos reais e vivos e apenas se considera a consciência como a sua consciência.

Esta maneira de considerar não é isenta de pressuposições. Ela parte de pressuposições reais e não as abandona por um instante. Essas pressuposições são os homens, não como homens acabados e fixos de uma maneira imaginativa qualquer, mas os homens no seu processo real de desenvolvimento, levado a cabo em condições determinadas e empiricamente verificável. Desde que se tem a representação deste processo vital activo, a história deixa de ser uma colecção de factos mortos, como nos empíricos, éus próprios ainda abstractos, ou uma acção imaginária de indivíduos imaginários, como nos idealistas.

Onde cessa a especulação na vida real, começa, pois, a ciência real, positiva, a representação da actividade prática, do processo de desenvolvimento prático do homem. As frases relativas à consciência cessam, o saber real deve substituir-se-lhes. Pela representação da realidade a filosofia independente perde o seu meio de existência. O seu lugar pode ser tomado mais ou menos por um resumo dos resultados universais que se deixam deduzir da consideração do desenvolvimento histórico dos homens.

Estas abstracções não têm em si, separadas da história real, o mínimo valor. Elas podem servir unicamente para facilitar a disposição dos materiais históricos, para indicar a sucessão das suas diversas camadas. Mas não dão de modo algum, como a filosofia, uma receita ou um esquema segundo o qual as épocas históricas possam ser ordenadas. Pelo contrário, a dificuldade só começa no momento em que nos pomos a considerar e a ordenar as matérias, quer de uma época passada, quer do presente, em que nos tentamos a representação real. A supressão destas dificuldades é condicionada por pressuposições que não podem ser dadas aqui, mas que ressaltam somente do estudo do processo vital real e da acção dos indivíduos de cada época.